

A TARDE DE UM FAUNO
Égloga por STÉPHANE MALLARMÉ

THE AFTERNOON OF A FAUN
Égloga by STÉPHANE MALLARMÉ

Traduzido por Eric Tirado Viegas
Translated by Eric Tirado Viegas

Eric Tirado Viegas
Titular da Cadeira nº 19
Patrono: José Severiano de Resende

Essas ninfas, desejo eternizar.

Tão claro,

Seu ligeiro encarnado volitando no ar

Preso de densos sons.

Amei eu um sonho?

Minha dúvida, plena de noite, se extingue

Em folhagem sutil, que representa os próprios

Bosques, prova, ai de mim! que, só, eu me ofertava

Como triunfo, a falta ideal de rosas.

Reflitamos...

Ou se essas damas que censuras

Simbolizam o aspirar de teus falsos sentidos!

Fauno, ilusão fugida de seus azuis olhos
das fronteiras desta busca desse prazer casto:
Mais, outros dos suspiros contrastam de tantos
brisa desta manhã aqueceu-se destes ventos?
não! Na imobilidade dos vagos desmaios
sufocados calores manhãs frescos lidos,
murmuro ponto d'água ou versa minha flauta
bossagem irrigadas pautas; só dos ventos
margens dois sopros breves exalaram altos
dispersaram-se aos sons destes chuviscos áridos,
está, horizonte não se move dum passeio,
visível e sereno sopro artificial
é desta inspiração, retornado do céu.

Ó ondas dessa Sicília deste calmo pântano,
Que mandar-nos dos sóis presunções tão furtadas,
Tácitos são das flores da centeia, CONTAR

» *Que eu culpo daqui d'oculos rosas dominados*
» *talento; quando, douro sinistros remotos*
» *Verduras dedicadas vem vinho nascente,*
» *Inunda uma brancura animal se repõe:*
» *E quando do prelúdio lento foz da flauta,*
» *Os voos dos signos, não! Das ninfas da candura*
» *que de imensos...*
» *que de imensos... Inerte, fontes de horas rubras.*

Sem marcas das quais arte fugidia exemplar,
demais do hino esperança quis provocar:
então me excite ardor das duas do primitivo,
do juízo e só, de fluírem desse antigo brilho,

A Tarde de um Fauno

Puro! E duma toda pura ingenuidade.

Outros dois risos vertem lábios destes toscos,
beijo, todas perfidias destas afiançadas,
Meu seio, virgem dá prova, atesta à mordente
Misteriosa, de duas qualquer augusto dente;
Mais, basta! Arcano tal eleito a confiar
Junco amplo abaixo azul amura geminar:
Que, desvia-se de si artificios das turvas,
Sonho, dum longo solo, destas entretidas
Beleza de arredor por muitas confusões
Falsas dentre elas mesmas crédulos cantores;
Ao fazerem também amor modula alto
esvanecido sangue ordinário a beirar
Ou flanco puro segue meu discreto olhar,
que dum sonoro, vão do linho do monótono.

Tarefa, pois do órgão fugas, ó malignas
Sírinx, quais reflexos lagos envolvermos!
Meu rumor do brioso, falei primaveras!

Das divindades das idolatrias pintadas,
À sua sombra retiro ainda das cinturas:
Assim, uvas sorvidas relvas desta luz,
No banir do pesar meu cobrir ancestral,
Nada, eu elevo ao céu dos cachos destas vagas
E, sopros dão das peles formosas, d'ávidas,
De roídas, justa à noite eu rebento destas graças.

Ô ninfas, das ansiosas lembranças diversas.

- » *Meu céu, poço de junco, aberrações adornos*
- » *Imortal, que escurece da onda ardorosos*
- » *com um grito raivoso ao céu desta floresta;*
- » *E ao esplêndido do banho do cabelo resta*
- » *Dão fulgor arrepios destes fios ó seixos!*
- » *Eu busco; quando, aos pés meus juntos (assassinos*
- » *langores destas lágrimas mal terem duas)*
- » *Adormecidas entre abraçadas só duas*
- » *Eu encanto, aos desenlaces destas que voejam*
- » *Do maciço desprezo sombra superficial,*
- » *Das rosas exauridas perfumes do sol,*
- » *Que nossa folia um dia gastada quis igual.*

Eu t'adoro, furiosa virgem, delicado
selvagem sacro nu fardo acidentado
fúgido de meu aceso lábio eleva intenso
Recuo! Deste pavor secreto do fulgor:
Dos pés desta barbárie ou coração do tímido.

Me abandono uma vez desta inocência, humildes
Das lágrimas de louca entre tristes vapores.
» *Meu crime, esse tenho alegre vexados medos*
» *Dividido traidor dos tufos desgrenhados*
» *Dos beijos deste deus guardados bens arcados;*
» *pois, à pena movi-me da pele riso ardo*
» *debaixo do recuo feliz sozinho (guardo*
» *Dedo simples, afim candidez desta pluma*
» *Seus emotivos tons coração entusiasmo*
» *A pequena, nativa rubra ficar mais:)*
» *Que meus braços, desfazem das vagas mortais,*
» *esta lança, à jamais de ingrata, que se entregam*

A Tarde de um Fauno

» *São pequenos soluços, braço livre ecoam.*

Fértil! Verso alegria d'outros que nos provocam
na trança presa cornos desta minha testa:
sábica, minha paixão, que rubra amora desta
cada romã rebenta abelhas murmurarem;
nosso sangue, gamado vai dos arrumarem,
Corre em juntos enxames eternos desejos.
À hora do bosque douro cinzas dos arejos
duma festa se exalta à folhagem arpejos:
Etna! Esta está entre visita de Vénus
Sobre lava possante de telas ingênuas,
Quando hercúlea da soma exaure triste flama.

Eu possuo minha rainha!
Eu possuo minha rainha! Ô sua pena...
Eu possuo minha rainha! Ô pena... Não. Mais d'alma.
Das palavras vagantes e os corpos espessos
Sucumbiu tarde altivos silêncios dos meios:
Não preciso dormir olvido do blasfemo,
Sobre areia tão muda encostada eu a amo
Abrir minha boca astro eficaz desses vinhos!
Casal, adeus;vou ver a sombra que ora és.

STÉPHANE MALLARMÉ

O poeta pede que seu amor lhe escreva

Amor minhas entranhas, viva morte,
em vão que espero tua palavra escrita,
e penso, com a flor que se machuca,
de que vivo sem mim quero perdeste.

O ar é imortal, pedra te fez inerte,
nem conhece à sombra nem evita,

coração interior não necessita
O mel escorrido dessa lua verte.

Porém fui, sofri. Rasgue minhas veias,
de tigre e pomba, sobre a sua cintura
em duelo de mordisco de açucenas.

Cheia, pois, palavras minha loucura,
que deixa viver em minha serena
noite dessa alma para sempre escura.

A Mercedes em seu voo

Uma viola de luz hirta e fechada
passou sozinha nas rochas da altura.
Uma voz sem garganta, voz escura,
que sonha em tudo sem sonhar em nada.

Teu pensamento neve resvalada,
nessa glória sem fim dessa brancura,
teu perfil é perene queimadura,
teu coração, é pomba desatada.

A cantar pelo ar sem orientação,
a matinal fragrante melodia,
monte de luz e chaga de açucena.

E que em nós outros aqui dia e noite,
faremos entre a espinha dessa pena,
uma guirlanda de melancolia.

Federico García Lorca

Soneto

Viver é caminhar breve jornada,
morte viva é, *Lico*, nossa vida,
haver do frágil corpo amanhecido,
cada instante do corpo sepultado.

Nada sendo, é pouco, será nada
pouco tempo, que ambiciosa olvida;
pois, sanidade mal persuadida,

A Tarde de um Fauno

de presa duração, terra animada.

Levado de enganoso pensamento
de esperança burladora e cega,
tropeçará em mesmo monumento.

Como é divertido, mar navega,
e, sem mover-se, volta com o vento,
e antes que pense resguardar-se, chega.

Francisco de Quevedo